

Ciclismo em Grignan¹ por Julio Cortázar

Ela se masturbava no selim com movimentos cada vez mais bruscos. Assim como eu, não tinha esgotado a tempestade evocada por sua nudez.

Georges Bataille, *História do olho*

Insisto em desconfiar da causalidade, essa fachada de um *establishment* ontológico que se obstina em manter fechadas as portas das mais vertiginosas aventuras humanas, quero dizer que se *depois* de ler um certo livro de Georges Bataille eu tivesse bebido uma taça de vinho num café de Grignan, a garota da bicicleta não se teria situado *antes*, com essa aura que distingue os instantes privilegiados; ao estabelecer um laço entre o livro e a cena, a memória teria tecido a malha causal, a explicação simplificadora de toda série encadeada por um condicionamento propício à tranqüilidade do espírito e ao rápido esquecimento. Não foi assim, mas primeiro é preciso dizer que Grignan se honra com a lembrança de Madame de Sevigné, e que o café com mesas ao ar livre está situado à sombra do monumento onde esta senhora, pena de mármore na mão, continua escrevendo à sua filha as crônicas de um tempo ao qual não temos acesso.

¹ Publicado originalmente em *Último Round* (México: Siglo XXI, 1969). [N. T.]

Deixando o carro à sombra de um plátano, fui descansar do ziguezague pelas colinas; gosto desses povoados tranqüilos do meio-dia, ali se serve o vinho em taças de vidro espesso que a mão segura como se voltasse a se encontrar com algo obscuramente familiar, uma matéria quase alquímica que não existe mais nas cidades.

A pracinha estava sonolenta, de quando em quando um carro ou uma carroça lhe deitava um olhar lânguido, e as três amigas batiam papo e riam perto das mesas, duas a pé e a outra em sua bicicleta um pouco inclinada, um modelo talvez grande demais para ela, um pé descansando no chão e o outro brincando distraidamente com os pedais.

Eram adolescentes, as beldades de Grignan, os primeiros bailes e as últimas brincadeiras; a ciclista, a mais bonita, usava o cabelo comprido preso num rabo-de-cavalo que se agitava de um lado a outro a cada risada, lançando olhares em direção às mesas do café; as outras não tinham sua graça de potranca, estavam como enquadradas em personagens já definidas e ensaiadas, as burguesinhas com todo o futuro escrito na atitude; mas eram tão jovens e o riso lhes vinha da mesma fonte comum, irrompia no ar do meio-dia, misturava-se com as palavras, as bobagens, esse diálogo de meninas que aponta para a alegria e não para o sentido. Demorei a perceber por que a ciclista me interessava particularmente. Estava de perfil, às vezes quase de costas, e ao falar subia e descia levemente no selim da bicicleta; bruscamente vi. Havia outros paroquianos no café, qualquer um podia ver, as duas amigas, ela mesma podia saber o que estava acontecendo: coube a mim (e a ela, mas em outro sentido). Já não olhei para outra coisa, o selim da bicicleta, vagamente cordiforme, o couro preto terminando numa ponta arredondada e grossa,

a saia de leve pano amarelo moldando o quadril pequeno e estreito, as coxas calçadas em ambos os lados do selim, mas que continuamente o abandonavam quando o corpo se lançava para a frente e descia um pouco para o oco do quadro metálico; a cada movimento a extremidade do selim encostava-se um instante entre as nádegas, se retirava, voltava a se encostar. As nádegas se moviam ao ritmo do bate-papo e das risadas, mas era como se, ao querer novamente o contato com o selim, elas o estivessem provocando e o fizessem por sua vez avançar, havia um mecanismo de vaivém interminável e isso acontecia sob o sol em plena praça, com gente olhando sem ver, sem compreender. Então era assim, entre a ponta do selim e a quente intimidade dessas nádegas adolescentes não havia nada além da malha de uma calcinha e o leve pano amarelo da saia. Bastavam essas duas pífias barreiras para que Grignan não assistisse a algo que teria provocado a mais violenta das reações, a garota continuava se apoiando e se afastando ritmicamente do selim, uma e outra vez a grossa ponta preta se inseria entre as metades do jovem pêssego amarelo e o fendia até onde a elasticidade do tecido permitia, saía de novo, recomeçava; o bate-papo e as risadas prolongavam-se como a carta que Madame de Sevigné continuava escrevendo em sua estátua, a lenta cópula *per angostam viam* se cumpria cadenciada, interminável, e a cada avanço ou retrocesso o rabo-de-cavalo pendia para um lado, açoitando um ombro e as costas; o gozo estava presente mesmo sem ter dono, mesmo que a garota não percebesse o gozo que se tornava riso, frases soltas, prosa de amigas; mas algo nela sabia, sua risada era a mais aguda, seus gestos os mais exagerados, estava fora de si, entregue a uma força que ela mesma provocava e recebia, hermafrodita inocente buscando a fusão conciliadora, devolvendo em folhagem estremeçada tanta seiva bruta.

É claro que fui embora, cheguei a Paris, e quatro dias depois alguém me emprestou *História do olho* de Georges Bataille; quando li a cena de Simone nua na bicicleta, compreendi em toda sua selvagem beleza o que tratam de alentar os primeiros parágrafos deste texto, talvez demasiado ciclista.

Tradução de Florencia Ferrari

Sugestões

Georges
edições
A prime
Masson.
plares, e
versão e
inscriçã
editora
to de m
cações
editor
clandest
lançada
exemp
volum
Gallim